



RESENHA

SANTANA, André. *Epicteto e Laozi: paralelos e diferenças na construção do arquétipo do sábio.* Montecristo Editora, 2023.

Afonso Jr. Ferreira de Lima (UnB)

Existem pontos de contato entre as ideias de Epicteto e as de Laozi, evidentes numa leitura atenta. A barreira a um estudo comparativo viriam, portanto, da divisão tornada tradicional entre "Filosofia" propriamente dita e "Pensamento oriental", o qual teria suas misturas com uma herança metafísica. Essa visão está ligada tanto ao surgimento do modelo de academia no começo do século XIX como promotora de "desenvolvimento" (focado na utilidade dos saberes), como na construção de um passado glorioso pelo cultivo dos clássicos ("o berço da civilização").

Segundo esse ponto de vista, a filosofia antiga seria uma longa preparação para a vitória da ciência, para o bem-estar material trazido pela tecnologia e uma democracia plena. As pesquisas do século passado foram minando essa divisão fácil, como o importante trabalho de F. M. Conforti (*Principium Sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego*). Mais recentemente, Pierre Hadot fala da Filosofia Antiga¹ como "um modo de vida", respondendo à pergunta: "como viver"? Com relação aos cínicos, comenta ele: "É sua própria vida que tem, em si mesma, seu sentido e implica toda uma doutrina" (Hadot, 1999, p. 154).

O presente trabalho parte do objetivo semelhante em ambas as teorias (a conquista da sabedoria), que projeta a figura do sábio (aquele que vive a teoria), como

¹ HADOT, Pierre. *Que é a filosofia antiga (O)*. Edições Loyola, 1999.

recorte para uma análise detalhada dos conceitos essenciais formulados pelos dois pensadores.

Na introdução, o autor reflete sobre os desafios metodológicos de uma leitura comparada como essa. Quando se põe em paralelo dois universos tão diversos, se faz necessário um conceito amplo que estabeleça aproximações, sendo a vantagem o realinhamento de antigas verdades (por exemplo, imagina-se se o estoicismo estaria refletindo a migração de éticas orientais), o surgimento de novas questões (por exemplo, qual a influência do pensamento africano e oriental no discurso grego?) e a ampliação das antigas abordagens.

Como arte de viver, tanto a filosofia estoica de Epicteto (50 d.C-138 d.C) - como bálsamo para o sofrimento oriundo da ignorância - quanto o pensamento daoísta criado por Laozi (circ. VI a.C.) - reestabelecendo a conexão da humanidade com o Dao - servem como guias para a ação e não apenas como teoria abstrata.

O sábio, sendo aquele que está livre das paixões ou não se deixa levar por desejos excessivos, aparece como ideal a ser perseguido no estoicismo (tendo as figuras de Sócrates e Diógenes como aquelas que mais se aproximaram desse ideal); no daoísmo, é o modelo que vivencia as normas da natureza (o Não Saber e o Não Desejo). O *shengren* daoísta é aquele que desenvolveu a compaixão e favorece "as dez mil coisas". O sábio estoico, reconhecendo a inteligência que tem em comum com os deuses, sabe operar com as representações que lhe chegam, por meio de juízos corretos, e estabelecendo uma disciplina dos impulsos.

No estoicismo, Zeus, Natureza, Deus são nomes para esse poder que tudo permeia e controla (que tanto influencia a filosofia neoplatônica e chega até a filosofia hermética e alquímica do Renascimento). A vida filosófica, colocando o indivíduo no panorama maior dessa ordem cósmica, não apenas evita as demandas egoístas e fomenta o elemento racional no humano, mas percebe a repercussão dos atos individuais no todo. No daoísmo, o conceito de *ziran* (a natureza que todas as coisas acolhe e conduz), é também a forma como cada singularidade se desenvolve segundo sua natureza. A não-ação (*wuwei*) é o movimento natural, ação de acordo com a situação, evitando dualismos, rejeitando ideais inflexíveis. Na busca de atualização de textos tão distantes, Santana nos oferece uma rede de interpretações coerente e compreensível.

O pesquisador destaca o conceito de *prohairesis* - a capacidade humana de escolher - apontada por Epicteto como o que nos diferencia dos animais, já que seria a qualidade de nossas escolhas que sustenta o bem humano (Diatribes 1.8.16). Sob esse ponto de vista, a escravidão ao mundo externo, que não está sob nosso controle, é constantemente oposta à liberdade de nosso espírito. "O que me impede de ser exilado rindo, de bom humor e sereno?" (Diatribes 1.1.22). É através do bom uso da *prohairesis* que o sistema teórico se expressa em um modo de vida.

Ainda analisando como o sábio age, o pesquisador afirma que Laozi, contrapondo-se ao pensamento confucionista de sua época, que vê como ligado à ascensão social e erudição fazia, incentiva o desvencilhar-se da doutrina moral da sociedade, buscando abandonar os hábitos tradicionais e os desejos excessivos. Agir pelo *wuwei* significa não basear-se em abstrações conceituais, mas estar disponível sem apego, por meio de um movimento de introspecção que afasta as ações artificiais (*youwei*) do ego, respeitando a diversidade e complementariedade da natureza.

Partindo da análise de Hadot (2014) sobre os exercícios espirituais (ou conjuntos de práticas dos projetos de vida que representam as antigas escolas), Santana busca em Epicteto as propostas para disciplinamento do desejo e medo, inferindo que têm relação direta com a capacidade de escolha, pois a negligência sobre como a exercitamos é a causa dos nossos maiores males. A investigação sobre nossas pré-noções nos permite avaliar nossos juízos sobre o quanto uma representação é positiva ou negativa, portanto sobre como pode perturbar nossa tranquilidade. A felicidade depende de uma "dimensão construída internamente" (Santana, p. 79), já que desejo e medo não podem ser ancorados em eventos externos.

Para o daoísmo, o "Não Desejo" é um pilar central, e retornar à nossa natureza essencial é conter os desejos da individualidade egóica. "O mundo é um vasto sagrado/ e não deve ser manejado" (Dao De Jing, p. 81). A ambição, o desejo por conhecimento, o domínio da natureza geram pensamentos de dualidade que hierarquizam os elementos do grande Dao e rompem sua espontaneidade (*ziran*). A meditação daoísta visa também esse vazio de desejos através da introspecção e atenção. O cultivo da atenção em Epicteto nos leva a observar nossa *prohairesis*: se percebemos que o desejo por dinheiro nos dominou, por exemplo, devemos tomar consciência dessa enfermidade moral e aplicar rapidamente o remédio da razão (Diatribes 2.18).

De agradável leitura, o cuidadoso estudo de conceitos de ambas as escolas, assim como da bibliografia de referência, nos traz grande riqueza de informações e reflexões. Nas duas tradições, Santana descobre a proposição de um modo de vida, um princípio cósmico que organiza o todo e uma meta de sabedoria que propõe o viver em harmonia com a natureza do mundo. A contribuição do trabalho também está em demonstrar a urgência e necessidade de perspectivas amplas e ousadas. Uma das notórias reflexões que ficam do trabalho é a percepção de que o "saber ocidental", longe de ser apenas a metafísica racionalista autoritária criticada pela filosofia contemporânea (por exemplo, Jacques Derrida²), tem, na sua diversidade, ligações com a esfera do cotidiano e mesmo da "autodesconstrução".

² HERMES, Ana Luiza Fay. Para além do claustro, um pensamento da diferença: Jacques Derrida e a desconstrução da metafísica da presença, Sapere Aude – Belo Horizonte, v.4 - n.7, p.224-244 224 – 1º sem. 2013.